A Semana de Lisboa
Suplemento do Jornal do Commercio
DIRECTOR - ALBERTO BRAGA

N.º 15
Domingo 9 de abril
1893

João Franco Castello Branco

ENTRAMOS na câmara no mesmo ano, em 1884. Numa das primeiras sessões, João Franco fez a sua estreia parlamentar, e a sua palavra calorosa, não raro eloquente, sempre espontânea e comunicativa, impôs-se logo à atenção da assembleia, marcando-lhe um logar de primeira grandeza entre os oradores que vale a pena ouvir. João Franco não via, como tantos outros, dos bancos das escolas para a cadeira de deputado: entre a sua pitoresca e azorada vida de estudante, que deixou lenda nas tradições coimbrãs, e o início da sua carreira parlamentar, mediaram seis ou sete annos, invertidos no exercício das funções de agente do ministerio público, e passados em Baião, em Alcobaça, não sei onde mais, entre os autos e os livros, aprendendo nos processos a conhecer os negocios e os homens, exercitando no foro as suas nativas faculdades oratórias, desenvolvendo na leitura os superficiaes conhecimentos, a bagagem sumária, com que, aos vinte annos, sahie da Universidade um estudante mais inteligente do que aplicado.

Assim, a sua primeira oração no parlamento revelou logo n'elle um homem feito, um luctador adestrado nas pugnas da palavra, habituado a tergar as armas incruentas do argumento e da invectiva, mais afetez ao ataque do que á defesa, como era proprio de quem, por dever profissional, fora sempre accusador, mais atento á força logica das razões e á evidencia inobjetivo dos factos, do que aos primores artisticos da fôrma e ás subtilidades requintadas da escolasticã academica. Estas qualidades, denunciadas desde logo, não fizeram senão accentuar-se nos subsequentes discursos de João Franco, e constituem ainda hoje os elementos fundamentaes da sua forte individualidade parlamentar.

Mas o que dá um brilho dominador á sua palavra, o que lhe tem valido raptos de verdadeira eloqüencia, d'aquela que consegue assenhorar-se completamente do auditorio e fazê-lo vibrar unisono com o orador, é a espontaneidade calorosa da sua improvisação, a sinceridade apaixonada com que passam para o seu verbo fresmente as impressiones que no momento o dominam. Não se detém com precauções oratórias, nem se enleia em estudados artificios; attaca o assunto de frente, arrosta de cara com a situação, trava com o adversario uma luta corpo a corpo; o semblante, moreno e expressivo, transfigura-se, empalidece, torna-se ás vezes quasi livido; nos olhos, negros e vivos, faiscam sentenças de indignação; o corpo, magro e nervoso, treme todo, como varas verdes, açoiado pelo vento da inspiração tribunical; as palavras brotam-lhe dos labios, cendentes como torrente de lava, que escalda o auditorio mais frio e indiferente; o gesto, sacudido e energico, sublinha e accentua a força da argumentação, a vehemencia da invectiva. Nesses instantes, é que se vé que João Franco é um orador de raça, d'aqueles a quem a eloqüencia natural ensinou o segredo de prescindir dos arrebiques rhetoricos, d'aqueles que possuem o raro condão de arrastar, de subjugar, de mandar, de vencer.

Por isso, João Franco é dos oradores que só podem ser devidamente apreciados pelos que o tenham ouvido; quer dizer, é dos oradores a valer, e não d'aqueles que apenas sabem declamar com arte o que em casa com-
póem e repitam. É fácil talvez descobrir incorreções literárias, desleixos de fôrma, nos seus discursos; mas a espontaneidade da expressão, a audácia do ataque, o ví
gor do argumento, fazem bem depressa esquecer aquelles ligeiros senões, que são os pequenos defeitos inheren
tes às suas grandes qualidades. Até uns resalhos de pronounceda se irão, que, às vezes, quando se principia a ouv
-l, ferem um pouco, contribuindo para acenlfrar d’um modo feilz os seus melhores movimentos oratorios, fazendo
sibilar as palavras, que estalcm como lamentos sobre o audi
tório avassalador.

* * *

Demorámos-nos a considerar João Franco como orador, porque, além de ser esse um dos aspectos proem
minentes do seu talento, está n’elhe incontestavelmente a explicação da rara fortuna da sua carreira política. Os
seus superiores dotes de locutor parlamentar é que, não só lhe conquistaram rapidamente a posição a que bem
novo subiu, mas n’elle o fortaleceram e radicaram até á situação predominante que n’este momento ocupa.
João Franco chegou ao governo pelos seus discursos
na câmara; e consolidou a sua influencia no poder principa
lamente pela sua atitude parlamentar como mi
nistro. Do gabinete Serpa, de 1899, fez parte João
Franco, gerindo a pasta da fazenda; a sua administra
cão foi honesta, activa, bem intencionada, mas teve de pagar o tributo da sua inexperiencia e de sofrer o peso
da fatalidade das circunstancias, já então bem apertadas.
Tudo salvou, porém, tudo remiu, com abrilhante defeca
que dos seus actos e dos seus projectos fez em ambas
as casas do parlamento, defrontando-se galhardamente
com os mais destros e os mais abalizados adversarios.
Por isso, quando cahiu, cahiu de pé, cahiu mais forte e mais prestissiso do que subira.

E depois as qualidades fundamentaes de João Fran
co como homem de governo são ainda as que fazem o
segredo da sua eloquencia como orador: a decisão, a
energia, o golpe de vista rapido, a inteligência clara
dos problemas politicos e administrativos. Não se pren
de com hesitações timoratas, nem affrouxa perante as
dificuldades que surgem deante da execucao do seu
pensamento. Estuda facilmente as questões, tem o sen
so pratico dos negocios, expõe-os com lucidez, e re
solve-os com firmeza. Corta a direito, inquebrantavel
e resoluto, obedecendo sempre a um criterio consi
ciencioso e honesto. Na segunda vez que foi minis
tro, já em pleno regimen das vacas magras, accentuou
n’este sentido a sua individualidade. Não faltou quem
acolhesse de exagerado, quasi de possidente, para
usarmos uma expressão pitoresca da velha politica
portuguesa; não escassearam queixumes, e até clamare
ses dos interessados. Mas o paiz gostou e aplaudiu;
e João Franco tornou a largar o poder ainda com mais
força do que da primeira vez.

Tem muitos amigos, e amigos dedicados, porque
naquelle luctador de todas as horas ha um fundo de
bondade nativa, de cordeal affectuosidade e de bonho
mia quasi infantil, que captiva e prende os que convi
vem de perto com elle. Depois, a sua energia, a sua de
cisão, o seu tom auctoritário, ao tratar os casos da po
litica, o exito excepcional da sua carreira, dão anima
ção, inspiram confiança. Os homens, em geral, vão
atraz do sucesso, e gostam de ter quem os mande; são
um pouco como as rás da fabula. E João Franco sabe
mandar e sabe querer bem; sabe fazer-se obedecer e
sabe captivar a gratidão dos que o servem. No meio
da sua apparente franqueza, às vezes um pouco brusca,
ha não raro uma certa manhã politica, que é tanto
mais eficaz quanto menos suspeitada. Elle não gosta
de que lhe chamem manhoso; mas isso confirma apenas
a nossa observação.

Não quer mal a ninguém; na sua alma lavada não ha
odios, ha apenas arrebatamentos. Por isso também
não cremos que tenha grandes inimigos. Os adversarios
chamam-lhe ambicioso; é até a maior injuria que lhe
vibrum, no mais acesso da luzta. Ao menos tem o me
rito de não ser uma calunnã, como tantas outras que se
forjam nos tristes combates da politica. João Franco
é, com efetlo, um ambicioso; um ambicioso honrado,
tenaz, persistente. Tem a ambicio de fazer o que lhe
parece util para o seu paiz e honroso para o seu nome;
and possue um caracter bastante energico, uma fibra mo
dal bastante resistente, para não esmorecer nunca na
lutca, e disputar, palmo a palmo, infatigavelmente, o
terreno que lhe contestam os contrario. Firma da fami
lia, que estremece, só tem uma paixão: a politica. Se
nunca tivesse largado a vida judicial, seria talvez hoje
um juiz caturha, aforrado aos autos; lançado na politi
ca, entregou-se-lhe por completo. O seu temperamento
não lhe consente meios termos, como a sua actividade
lhe não permite um momento de descanso. Tem feito
para o mando e animo para a lucta. Venceu depressa,
não será vencido facilmente.

No entretanto, aos raros momentos em que o seu
espirito se despreocupa do combate quotidiano, que
o absorve, diz sempre: — Nunca permitirei que o meu
Federico seja politico! — O seu Federico é o seu unic
filho, o seu encanto, o seu enlevo, o seu maior amor.
Tais são as impressões que a politica deixa no animo
deste luctador apparentemente feliz, que João Franco
não quer para o seu unic filho as fortunas que tantos
lhe invejam a elle!

CARLOS Lobo D’Avila.

No proximo numero, o medalhão do sr. Jose Luciano de Castro.
Artigo de Raimundo Garcia.
POLÍTICA SEM POLITICA

Estamos em plena charada política!

Porque em verdade é uma perfeita charada a campanha que começa a mover-se contra o sr. ministro da fazenda.

Não temos que o atacar, nem que o defender, pois não é este o intuito d’esta secção e d’este jornal, mas é da sua índole apreciarmos todo o pitoresco que há no ataque dirigido contra o sr. Fuchini.

Certamente S. Ex.ª ainda não salvou o paiz, mas também se tem de o salvar como outros seus predecessores, antes o não salve, que mais a salvo ficaremos todos.

No entanto, se o illustre ministro nada tem feito de caracter fundamental, depois de um mez apenas de ministerio não é tarde ainda para a sua obra aparecer, e, em quanto não aparece, é inegável que tem dado inequívoco testemunho de zeio administrativo e inegável interese d’ânimo. A arrepetida contra os contribuintes relapsos pode ser taxada de violenta pelos que estão em causa, mas perante a opiniao é inegável que foi recebida como um acto energico e da mais elevada moralidade.

Não pôde portanto este caso ser materia para campanha?

O que os amigos do ministerio professam, e que a celeuma, aliás não partilha na opiniao geral, resulta da supressao, imaginem de qué?... das despesas de publicidade!

Mas isto para nós tambem não é crivel, pois, segundo em tempo lemos em alguns jornais, essas despesas referiam-se a publicidade no estrangeiro, ou para melhor dizer em Paris.

Que, pois, os de Paris berrassem, bem estava; mas que o berreiro rebente agora especial e furiosamente em Lisboa, é que é mais dificil de compreender.

Não queremos dizer que não seja explicavel, mas a explicação por não poder ser legitima e logicamente deduzida, é que se nos afugenta corresponder a um problemá que tem o seu quê de charada.

Em todo o caso, essa charada não a poremos nós a premio, pois é possível que às vezes succedese advinharem-n’a todos ao mesmo tempo.

Impoliticos.

CHRONICA ELEGANTE

Decididamente terminaram este anno os five-o’clock-tes, os raulas, os banquetes e as soirées danceantes, em que a sociedade elegante se reunia, durante os mezês do inverno. Uma ou outra festa nas salas que ainda se realisa é para o mundo elegante o que a chrysanteme é para a estação do estilo: a flor da despedida.

Fecharam-se os salões, e terminou no teatro de S. Carlos a época lyric.

Dentro de um mez a sociedade começará a dispersar-se pelo campo, procurando na sombra amena das arvores o repouso necessário para tranquilizar os nervos e no ar puro das montanhas a frescura para suavizar a cutis um pouco emmurchecida pelo calor dos lustres.

Guardam-se até ao proximo inverno as bellas fourrures que serviram para agasalhar os colos delicados e mimosos à sahida dos bailes, põem-se de parte os vestidos decotados, fecham-se nos escritrios as jolias mais preciosas, e aparecem as toilettes claras de esto, os ligeiro chapeus de palha guarnecidos de flores silvestres. As rivieres de diamantes que seutilizavam nos decotes são substituidas agora por uma simples roua. E o mais bello enfeite, quando se é moça, e sobretudo quando se tem mais de vinte annos.

Il me faut une rose! — dizia Madame de Parabere — Si je n’avais que vingt ans, à la bonne heure!

Dentro de um mez a cidade mudará completamente de aspecto. A Avenida, onde agora, às 5 horas da tarde, rodeam lentamente os coupés de portinhollas, os phaetons elegantes, os dog karts e as charreteries, está quasi deserta. No Chiado, immundado de sol, serão raras, durante o dia, os transeantes.

Abre-se os circos para as receitas das companhias de zarzuela, e aparecerão os camarotes ocupados por umas formosas criaturas, que falam na sala o mesmo idioma que se declama no palco. E não é só nos circos, mas também nas ruas de maior transitio e nos establecimentos de modas de maior luxo, que a lingoa de Cervantes respira nas suas expressões mais pitorescas, como um vivo rebate de castanholas ou um rufo estridente de uma pandeireta de Bysscalu.

E tanto assim que, o verão passado, uma simples familia burguesa da província, ao subir lentamente, numa noite de calor asfixiante, o passeio do Chiado, teve que se desviar um pouco para dar passagem a um grupo de quatro raparigas elegantes, vestidas com requintes de elegancia, com os peitos guarnecidos de cravos, que descia, rindo e falando alto, com destino ao Colyseu. O chefê da familia, um veelhote paçoado e grave, estava maravilhado; e, logo que o grupo passou, voltou-se para a esposa e para a filha, e observou-lhes ingenuamente:

— Mas que mania que temem as senhoras d’aquei de falarrem hespainhão! E o terceiro rancho que encontro!

Pobre e honrado burguez! Caidou elle, por vér tão graciosa e luxuosamente vestidas aquellas quatro criaturas, que eram senhoras da sociedade. Não se lembrava de que não é o habito que faz o monge!

Alih está um homem puro, que bem poderia dizer:

— O meu reinho não é o d’este demi-mundo!

GRAZIEL.

PROBLEMA DE SENTIMENTO

— Preciso fazer-te uma confidencia.

Já.

Pela quarta vez elle me fazia aquella declaração e eu lhe dava a mesma resposta.

Mas não havia que appelar agora...

Das outras vezes tudo a incomodava: a visinhã da
mãe, a falta dos irmãos mais novitos, os quadros, as paredes, os espelhos... e até a hora do dia... Queria que a confidência fosse feita ao entardecer, quando eu não visse já que ela corava...

E que fosse feita assim, longe do bulício e de tudo...

Estavamos sentadas muito perto uma da outra... O sol começava a esconder-se por detrás das nuvens cér de rosa...

O campo exalava todos os sussurros dos seus insectos, escondidos, durante o dia...

As ceáras ondulavam na sua verduroza saúde, matizada de papoulas, e a quinta ressurgia pelo aroma de tantas flores, abertas, entretabertas e desfolhadas...

O carrancanhaço formado por murtas e roserias parecia impenetrável aos olhares profanos, a água de três lagos sucessivos murmurava, em vibrações cristalinas que faziam saudades... E o lento cair das pétalas de ress que nos enchiam o fato e o cabelo despertava o appetite de deixar cair dos lábios as palavras... que se deviam guardar... mas que viam, insensivelmente, para os corações amigos...

Os roncinhos trinavam desesperadamente.

E ela encostou a cabeça no meu homem.

— Vamos à confidência, disse eu a rir.

— Se disser que... não posso... que me escaldam as palavras, que me não percebo, digo-te a verdade... Estou a sentir-me indigna de tudo, da tua amizade, até...

Feitii, muda de asombro, e ela continuou:

— Sabes que o amo. Não darias, por um imperio, nenhum dos seus sorrisos e no entanto sinto-me culpada...

— ?

— Sim, porque o trabi!

— !

— Sei que me não compreendes, tu, que és escrava submissão do coração, que te prendes a uma flor, que te nombras de uma estrela, que ves em tudo o que é nobre e grande a imagem do teu solto vivido... mas confio em ti e preciso de que alguém — como tu — me condenne ou me abserva.

E Amelia, truná, como uma folha sacudida pelo vento. Os seus olhos castanhos, striados a ouro, pareciam, agora, mais claros e maiores. Eu não me atrevia a perguntar-lhe nada. Aquela palavra — trabi-o — deixara-me o coração tão apertado!...

Mas, como ela continuassem callada, afuguei-a como a um creacrinha e disse-lhe:

— Pelo amor de Deus acaba.

Ella fechou os olhos e prosseguiu:

— O Alberto, sabes, o ex-noivo da Luiza, tem sido sempre muito meu amigo — Fazíamos, mutuamente, as nossas confidências. Ela aconselhava-me e ouvia os meus conselhos... Ha duas semanas, porém, estava sentado ao pé de mim. Eu bordava, já nem sei o que e elle desfaria — sem vêr, talvez também, os novos de seda e de lã que estavam sobre a mesa. De repente e quando eu ia tirar da pregaderinha nova agulha enfada em seda verde, elle pegou em mão, segura-m'a e cobrem-m'a de beijos...

Levanto os olhos cheia de surpresa e encontrei o olhar de elle que queimava.

— Que disparate, Alberto!

— Que disparate, Amelia; mas que queres tu?

E desde então, procuro-me sempre que pôde, diz-me que sou adorável, inveja o Carlos...

— E tu? perguntei.

— Eu! Como queres que t'o diga? Não o amo, mas... correspondo ao seu olhar, á pressão da sua mão, enfeito-me com as flores que elle me traz e... choro de desespero.

— Realmente! murmurei.

E ella, em uma explosão de soluços:

— Vês tu? Eu bem te dizia que me não comprehendi... mas... já agora ouve tudo:

— Hontem, disse-me, algum, que elle tinha um namoro e eu... fiquei furiosa. Furiosa a ponto, de lhe dizer. Elle respondeu-me que não era verdade... que não podia ser...

E depois, mais tarde, conviénimos de novo, em que era um disparate... inconcebível isto... e o Carlos? E a Luiza?

Mas, no mesmo instante repetiu-me elle:

— Mas eu antes queria conhecer o ser pobre, que ser rica por morte d'elle.

— Já que não é remediable essa nome dêr — tornou o testamentário de Mendanha — receba v. exe a suprema prova do arrepentimento de seu pai. Neste legado dos bens está o legado do coração. Seja de hoje em diante v. exe digna d'elle, já que desde esta hora os seus apelidos são dos mais illustres d'esta província.

Neste mesmo dia, D. Amelia de Mendanha saiu para Barcelos, onde entrou a ocultar-se para o paláceto de seu pai, a fim de trazer luto e aparecer convenientemente aos numerosos parentes que conjuíam a desonra.

Os bens eram grandes em terras e finos. Casa antiga e solida. Al-fatas do tempo de D. João V a douraram os salões de tecto aparidos, com repositorios brozados. Na parte mais velho do edifício cadeiras regnadas de bronze, contador atuais de prata e empastreados a córtes, guadalímeras nas paredes, amplas massas de pés torneados, leitos rendilhados com as armas dos Mendanhas na espada, bufetes; Jardins da India com as iniciais de um governador de Chalé, orando de Mendanhas, ramos de família a começar em D. Gil Gutierrezes de Mendanha, solarengue de Barcelos. Em meio d'isto, e senhora de tudo isto, aquella Amélia de Lundmir, 0 meu amigo Eugenio de Castro! aquella Amelia, que sarabandava a cana verde, o Lava agua o rega-dinho, e descantava umas torradas com manteiga que não ha alha mais que se dê.

— Onde estava ella?

Perguntavam entre si as primas e os primos.

E diziam exactamente onde elle estivera e de que infectos paus
Anniversários da semana

Domingo 9 — As sr.ª: D. Carlota Isabel da Camara (Belmonte), D. Maria Ribeiro Pery, D. Maria de Jesus Anderson Velhez Leão, D. Julio da Fonseca Talone, D. Maria Helena de Saint George Armstrong (Faria).

E os sr.: D. Alexandre de Sousa Betelho (Villa Real), Luiz de Sousa Folque, Carlos Ferreira dos Anjos, Carlos Duarte Luz.

se levantarão com atras de ouro aquela bonita sobremesa de tão feio café! Relatavam-se os pormenores da sua desgraça vida, encareciam-se, como fosse precisas, as desonestações... e inventavam-nas. Volviam alguns metros, três paredes, a casa, lhe subiam a prédios casamentos: rapazes, parentes, abatidos ou arruinados, mas fidalgos e gentilhíssimos de suas pessoas.

Rejeitaram-os.

Um dia, sabia D. Amelia de Barcelos, na sua sede, ficou em Famalicão, saiu a pé, e parou perto de Landim, à porta de um lavrador. Procurou por um homem que dava pelo nome de Antonio do Couto de bairro.

Sabião lhe no quintal, ou alpendre, um sujeito de trinta anos, bola figura de camponês, estival em calor por todo agrade coraço.

— Antonio — disse ella — conhecemos?

— A senhora, a senhora... acho que... — tartamudeou o lavrador agachando-se no cacto.

— Sou a Amelia de Landim Quando eu tinha 15 anos, amei-te.

Era então innocente. Esperava ser sua mulher, e perder-se. Teu pai não te deixar casar comigo, porque eu pobre. Sai que sofrieste, e que te fugir para o Brasil, a fim de ganhar dinheiro, depois me receberes. Eu não te deixar ir. Sobral qual foi a minha vida depois.

Hoje estou rica, ainda te amo, porque feste a origem da minha desventura. Queres casar comigo? Respondes.

— Quero.

— Então segue-mi.

Deixaste ir dizer a minha mãe; que essa queria que eu causasse comigo.

Segunda-feira 10 — As sr.ª: Condessa do Covo, Viscondessa de Andaluz (D. Anna), D. Maria Emília de Mello e Castro (Gálvezis), D. Anna Amelia Gid d'Araujo Juzarte, D. Izabel d'Abreu Manique e Mello, D. Joseph Callado de Castro Lemos, D. Maria Rita de Paula de Rocha Vianna.

E os sr.: Alfredo Maria Bombe, Antonio Pereira Forjas Sarmento de Lacerda, Augusto César Justino Teixeira, Joao Eduardo de Moraes Carvalho.


E os sr.: Conde de Mendia, Cesar Benevides Estâin.

Quarta-feira 12 — As sr.ª: Viscondessa d'Almeida, D. Anna de Mendes (Loule), D. Catharina Street (Carnide), D. Maria Isabel de Castro Monteiro (Castro), D. Maria Margarida Soares de Lencastre (Alençon), D. Rita d'Espeguem Mendes Norton Goes Pinto.

E os sr.: Visconde de Andaluz, Barão de Marjo Marjo, Barão da Recorta, D. Thomas d'Almeida, Francisco Pacheco Costa Calheiros de Meneses (Azevedo), Candido Jose Moura Garcia Pach (Bocellas), Alvaro Eugenio Felber Rollo, Eugenio Sedam Bandeira de Mello.


E os sr.: D. Jose Hermenegildo da Camara, Antonio Pereira da Mota (Espozende), Rodrigo Lobo, Rodolpho Luiz Tomasi, Eugenio Augusto da Costa Neves.


E os sr.: Barão de Alvalade, Diogo de Bettercourt Vancocoellos Correia de Avila (Bettercourt), Alberto Pimentel, Antonio Sarmento da Fonseca, Domingos Pinto Coelho de Noronha Guedes.


E os sr.: Dr. João Xavier da Fonseca, Josué Joaquim Lagrange e Silva, Francisco de Paula Marques, Manuel Aranha de Sousa e Meneses.

— Podes dizer o a pei pai, que esse tambem quer agora.

E, dahi a momentos, o pai a mais subir ao alpendre e receber-a, e levaram-na para o sobrado entre cadeias.

Ahi pernoitou.

O velho nunca pode desarticulou os queixos da aposta do espaso, desde que D. Amelia principio a contar por milhares de alqueires de milho o rendimento de sua casa.

Ao outro dia, que era domingo, levaram-se os primeiros banhos, e, com dispensa dos immediatos, casaram-se na igreja de Santa Maria de Abade.

Mas a que proposito cabiam esse conto, que não tem que vê com AQUELA CASA TRIBELE.

Ahi ri por amar da requinta do museu de Ruvres, que está agora aliado na Basca da Troca, à esperar de Antonio Duque, o Africano.

1

As quatro músicas reunidas na Ponte da Trofa, depois de espervalharem os passarinhos, que ao descer da tarde, se embocavam nas ramarias do rio Ave, retrocederam, porque o Duque não chegou. Os promotores da festa, mandando sobrar os fechos de foguetes de três estuços, disseram entre si que o Africano, faltando à hora da espera triunfal, bem demonstrava ser filho do apagado da Lamela. Outro era de parecer que o Duque, tratando de resto as pessoas que o observavam, dava a perceber que não queria amigos... do seu dinheiro.
MODAS

D’Inglaterra e da América chega constantemente o chofo de li- gás da flor e as espécies: Línguas de tranqüilidade, ligas contra o uso do fumo, ligas contra esta ou aquela moda, e agora chega-nos de Lon- dres à noticia da vida contra o uso dos espartilhos apertados. Pousou assim, e em despenteado também discutido entre o bello sexo como este dos espartilhos; discussão esta provocada por uma série de artigos publicados numa revista inglesa.

As mulheres, diz Lady Violet Greville na National Review, dividiram-se em duas classes: as que puseram nas alturas e desprazem a opinião pública e as leis do correntismo, e as que se riam como escravas sob o seu jugo de ferro. Algumas nãoções correntes influíram pelo uso e pela hereditariedade nos espíritos destas últimas, arraiga- ram-se profundamente e parece não haver nada que as possa arrancar. Entre essas noções antiquadas, a mais popular é que o homem deve ser subjugado pelos atraentes pessoais, e que o devido resultado é obtido pelo maior ou menor número de centímetros de uma cintura. O desarranjo da cintura representa a medida do sucesso.

Com o progresso de civilização a gente experiente lisonjeava-se que alguns desses absurdos desaparecereiam, mas gente mais sábia notava certa reinauguridade e tinha receio. Entre esses absurdos, os mais notáveis e os mais estupendos eram a crinolina e os espartilhos apertados. Marta a crinolina, a arte de vestir tornou-se racional, razoavel, deslumbrante; mas o desarranjo da inconstância dormiu no peito das mulheres, e assomou-lhes impelido pelas modistis e pelas costureiras: «Apartem-se. Não se contentem com a figura que a Natureza lhes deu, estraguem-n’la, desfigurem-n’la, ponham de parte a harmonia e a proporção, tornem-se mais caricaturas, estragueem a quem e serão umas formasas aos olhos das suas estudias colegas.»

A beleza está na proporção, disse o escultor. A beleza está na gaça, disse o pintor; mas as mulheres não o entendiam assim. A beleza, mede-se pensam elas, e o seu orago é o atacador do esparti-elho.

Quais as consequências? A anemia, a histeria, que assim como a dyspepsia e a nerviosidade assaltam todas as classes provando da falta de um suave socro circulando livremente. Como pôde o sangue circular bem num corpo apertado? Como se pôde n’ele effectuar os processos de nutrição e digestão? Muito imperfeitamente, e as suas consequências não afeçam só as mulheres, mas também os filhos.

E querem ouvir?

O Africano havia escrito a Lisboa ao seu fior, anunciando-lhe o dia em que tentava chegar à sua casa de Ruívid, com recomendação de lhe ter preparados os leitos e assolado uma boa criada para o quarte de sua filha.

Dirigiu o fior a nova, sem propalar a do naufrago, porque o não ajudou. Se o homem tem gastez, informa-se os seus viunhos do desaste de seu am, da riqueza engolidas pelas gueular da tormenta, da quasi pobreza em que ficara o naufrago, e, em fim, das piedosas lixi- mas com que os periodicos deploravam a catástrofe de duzentos con- tos grangeados honestamente. Se isto se soube em Ruívid, não ha- veria quem se afiásse em busca de sucesso, competindo entre si os observadores sobre qual arranjaria aquela que mais graso fazia dar a fama pelos buracos da requinta. Quanto às venti e quatro duze de foguetes de tres estrosos, que os rapazinhos de Ruívid tinham car- regado até à Ponte da Tróia, é bem de ver que ninguém se abalança- ria a tamanho astron de generosidade, se se soubesse que o Duque não vinha em circunstancias de chorar de terna abraçado ao peito magnum do que há tempo reclamava umas foguetes.

No dia marcado ao fior, devia o Africano chegar à Ponte, onde era esperado; porém, aparecendo na estalagem da Carreta, legua e meia distancia, ouviu dizer que na Tróia estava o poder do mundo, com qua- tro muscas, e muitos fogos do ar, à espera de um brasileiro que vinha da sua parte.

Ouvindo isto, Duque disse ao boleiro que recolhesse a parelha da seque, porque resolvera sahir de mudança.

Depois, foi contar à filha o que ouvira, e o desgosto que queria evitar no encanto de feste, tão desproporcionadas da tristeza de ambos.

Mêmeo a beleza que é o fim que se quer atingir, não se atinge. Com o excesso do aperto, terão pelles macielas, faces arrasadas e narizes vermelhos.

Gil-Berta.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

A ORDEM DOMESTICA

A ordem e o aceso de uma casa dependem mais da inteligente vi- glância da sua dona de que do serviço dos criados, por mais diligentes e cuidadosos que elas sejam.

Cumpre pois, à boa dona de casa levantar-se cedo, e aparecer junto desses seus servos com uma toilette cuidada, e não como muitas senhoras, aliás ricas, que só tratam de se vestir com elegância e cor- recção quando recebem visitas. A negligência da dona da casa é um exemplo dema às pessoas que a servem.

Antes de sahir do quarto, deve desfazer ou mandar desfazer a cama, abrir as janelas, para que o ar purifique a atmosfera e man- dar retirar o lamparina e outros objectos que só têm utilidade du- rante a noite.

A casa de jantar é a primeira que se arranja, varre e espana a fim de que a família possa ali tomar a primeira refeição, porque, salvo ó o caso de doença, não se deve nunca comer nos quartos de dormir.

Em outras sahas deve a dona da casa inspecionar se a limpeza é bem feita, e chamas sempre a atenção do criado para qualquer movel que não tenha sido cuidadosos escoado.

A sala de visitas deve ser arranjada na manhã seguinte ao dia das recepções; e no dia em que a dona da casa recebe, demor, logo de manhã, limpar-se os movel, arranjar-se as flores nos vasos, as plantas nos canteiros, levantar-se as cobertas dos sofás e poltronas estofadas e prover-se de novas velas nos lustres e candilabros.

Nunca a boa dona de casa deve deixar de ir à cozinha, para obser- var se ali se mantém o indispensável açoito, e assistir até aos preparati- vos do almoço e do jantar. Toda a louça da cozinha, mas principal- mente os utensilhos de metal, a que os franceses chamam batterie de cuisine, exige o melhor cuidado, a mais rigorosa limpeza, sobretudo quando é de cobre. A negligência ou menos esparram na limpeza d’es- ses utensilios pôde facilmente envenenar a comida e causar grandes danos na saúde das pessoas da casa.

Desdinha, prostrada no leito, deu a resolução de sahir, quei- xando-se de agonias, sufocações e desmaios do coração, que mal a deixavam seguir a jornada.

Passou o pai o restante do dia e parte da noite à beira da cama, inventando com tanto esforço alegrias que divertiam Desdinda da concentração que uma ou outra lagrima desaguava por momentos. Alegrias...

Que horríveis cabemos em peito da pal! Quanta ha que são sup- pliciados por esse amor que parece vir da mão de Deus! Que maiores angustias tem esta vida, se compararmos todas às daquelle pai que ali estava ao pé da filha que os medicos de Lisboa lhe haviam auscultado e considerado perdida!

Camillo Gastero Branco.

(Continua.)
E ainda aqui se não limita a observação directa da dona da casa, para n’ela manter o acerto e a ordem indispensáveis ao bem estar da família.
Faleiremos nos próximos números das suas principais atribuições.

**UMA RECEITA.**

**As formigas.** — Principiam estes insetos a invadir as casas. Ha muitos meios de os afugentar ou destruir.
Uma boa solução de fenol e água salada retirar. Um sachê de enxofre introduzido nas garrafas ou um armario faz as formigas o mesmo efeito que a cruz faz ao diabo. Fagam logo.
Faga-se uma mistura de borax e açúcar em pó, e introduza-se pelas frentes da casa em que aparecem as formigas. Não volta uma.
Também é muito usada e com reconhecida eficácia a aplicação de folhas de abside no sitio em que desses insetos aparecerem.

---

**EPHEMERIDES SEMANAES**

2 — Primeira torcida da época, na Praça do Campo Pequeno.
3 — Constitui-se a assembleia do colégio distrital para a eleição de um para o reino por Lisboa, nomeando presidente o sr. Eduardo Ferreira Pinto Basso.
— S. M. a Rainha visita os armazens Guindalda.
4 — O Diário publica um decreto autorizando o governo a contratar com a Companhia da Zambezia a construção e exploração dum redo telegrafica na Zambézia, e dum cabo submarino entre Quelimane e Mozambique.
5 — O mesmo Diário publica outro decreto nomeando uma comissão para elaborar um projecto dos melhoramentos a executar em Ponta Delgada.
— Chega do Brazil, bastante doente, o sr. conselheiro José Júlio Rodrigues.
— O sr. dr. Gama Pinto requer a sua demissão do director do Instituto Oftalmológico.
6 — É eleito para o reino por Lisboa o sr. Henrique Mendes.
7 — Reunem-se o conselho d’Estado, pronunciando-se a favor da nomeação do sr. Frederico Almeida para o reino vitalício.
— É nomeado governador civil de Bragança o sr. Cristóvão Ayres.
8 — O Diário publica um decreto rescindindo o contracto entre o governo e a Companhia Aliança de Loteiras.

José das Kalendas.

---

**THEATROS E CIRCOS**

**S. Carlos**

Quando Regina Pacini assinou a sua escritura para cantar, durante a época lúrica, no théatro de S. Carlos, exigiu que se lhe concorresse um benefício, em benefício de qualquer estabelecimento pio do paiz. Chegada o occasião de realisar a festa, ofereceu-se a gentil cantora a S. M. a Rainha, que destinou o producto das entradas para as Missões ultramarinas.

Foi esse benefício que ha dias se realizou no théatro de S. Carlos, e ao qual concorreram as familiaes da nossa primeira sociedade.
O théatro foi aristicamente adornado sob a direcção do Botelho Pinheiro, o que equivale a dizer que estava lindíssimo, principalmente o palco, em que figuravam, por entre massas de verdura, a bandeira nacional e alguns bárbaros e excedos selvagens, e a tribuna real, guarnecida com plantas sobre um fundo de riquíssimas colchas antigas de cores variadas.
O espectáculo consistiu de diversos trechos de operas tocados pela orquestra, e por diversas arias cantadas por Pacini.
Foi a insígnia primas-donas entusiasticamente aplaudida, principalmente quando, mais uma vez, cantou as formosas carcerelas hispanholas. E que realmente não se canta com mais graça, nem com mais sentimento aquelas encantadoras toques populares. Quando Regina diz:

Al pensar
In el dueño
De mis amores,
Sinto marav. Encantadores...
Malito sea
El picaronço
Que me mareal
vê-se logo que no seu coração pulsa sangue andaluz, e que só uma hispanholá poderá compreender e sentir toda a melancholia e ao mesmo tempo toda a graça que transparece nos formosos versos.
Sua Magestade a Rainha, como presidente das Missões ultramarinas, brindou Regina Pacini com um espléndido frasco de cristal lapislázuli com tampa de ouro esmaltado.
A festa artística da sr. Arkel que devia realizar-se hontem, não se efectuou por motivo de doença.

D. Maria

Realizou-se hontem a primeira representação da comédia em 4 actos — *Os Castros* — original do sr. Marcellino de Macasira.

**Rua dos Condes**

A operetta *Cocí-Reinita e Facada*, original dos srs. Garvão Lobo e D. João da Camara, com musica do sr. Gercioso de Cardoso, não teve a mesma lisonjeira acção que elle tiveram as outras peças do mesmo governo e feitas pelos mesmos autores.
A hilaridade é provocada por algumas scenas mais próprias de panôria e de circo do que de uma operetta. Os actos atravam-se, em geral, monotonemente, e a falta de graça literária é substituida por alguns trocadilhos, que podem satisfazer paladar grossos, mas que não revelam sentimentos no espírito dos seus autores.
De tudo isto o que lamentamos é que o dedicado talento de D. João da Camara, que tão brilhantemente se tem afirmado em obras de sabido valor litterário, se comprometendo na colaboração de peças d'esta ordem.
O público, que enchia o théatro, por mais de uma vez mostrou o seu desagrado.

*Nos outros teatros continuaram os espectaculos já conhecidos.*

**Praça de tours**

É hoje a segunda corrida da época. Como a de domingo passado não satisfez completamente as exigências dos aficionados, a empresa prometeu que a de hoje seria melhor. Entre n'ela o espada Francisco Gonzales (El Faico) e Rafael Ordóñez (El Primero). São cavalheiros Casimiro Monteiro e Casimiro d’Almeida.
Os 12 tours, 8 puros e 4 corridos, pertencem à ganadaria do sr. Estevez Antonio de Oliveira Junior.
M. GOMES, Livreiro-Editor
LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS
Assinaturas para todos os estrangeiros
Dá vinte e cinco primeiros volumes dos originais
Livros em todas as línguas

R. GARRETT—CHIADO—50, 73

A LA VILLE DE PARIS
Grande Fabrica de Coroas e Flores
Grand assortiment de corbeilles et plats

M. LATHALISE
RUA DO PRÍNCIPE E Praça dos Restauradores—LISBOA
Casa Bilal no Porto: Rua de Sá da Bandeira, 251

GUIA ILLUSTRADA DE LISBOA
E SUAS CIRCUMZINZACAS
 Esta GUIA, ditamente impressa em portugues e francês, & magnificamente ilustrada com fotografias, é a mais completa que até agora se tem publicado, e é acompanhada de cita pausana e uma válida planta da cidade, a vendler em todas as livrarias.

PRIX D'Honneurs et 3 Médailles aux Expositions
Aux Fleurs de Nice
249-251, Rua Augusta—LISBONNE
BOUQUETS ET FLEURS MONTÉES
Guirlandes pour Mais et Fêtes
EXPOSITIONS POUR TOUS PAYS

CABARET DU ROCHER
76 e 77, Rua Garrett, LISBOA

Déjeuners & Diners, a prix fixe et sur commande.
Service à la carte.
Lunch de 3 a 4 h. do meio-dia, e a la sortie des théatres.
Soupeurs, Chaude et froids, de 10 h. du matin à 2 h. du matin.
Déjeuners, Diners, pour la ville et sur commande.
Café et chocolat au lait, Consommé chaud et froid, Sandwiches.
Glaçons & Sorbets.
Sephes, Bifrons, Liqueuca, Vins Finos de Dessert, etc., Champagne.

A. GODOFROY
COIFFEUR, 80 A 86—CHIADO

PARFUMERIE
DES MEILLEURS MAISONS DE FRANCE ET D'ANGLETERRE
ARTICLES de Toilette de Voyage et de Théâtre

JERONIMO MARTINS & F.º
13, RUA GARRETT, 15
CHAMPAGNE—POMMERY
ESPECIALIDADES:
QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT